

## O QUE NOS CONTAM OS MUROS?

Amanda Holgado\*

### Resumo

Este trabalho propõe um percurso pelas ruas da cidade de Taguatinga, cidade satélite do Distrito Federal, em busca da identidade de seus habitantes através das narrativas de seus muros e o que elas expressam e de que forma interagem ou afetam os moradores. As narrativas e imagens como origem e essência desse lugar. As imagens que se seguem manifestam a linguagem comum à das ruas e indicam um posicionamento presente nesse tipo artístico: expressões de revolta às instituições governamentais e de representações das ideias do inconsciente coletivo. A partir disso, busca-se estabelecer suas relações com a literatura brasileira contemporânea.

**Palavras-chave:** Literatura contemporânea, arte urbana, narrativas.

Este ensaio procura compreender como a literatura se articula na contemporaneidade através da arte urbana. Quais são seus espaços? E seus limites? Tudo pode ser lido, mas pode também ser considerado literatura? As intenções literárias são somente do autor ou é algo que o leitor espera? O espaço da rua e suas narrativas, impressas nos muros, a expressão artística urbana, o grafite e as pichações podem ser considerados literatura?

Ruas e muros da cidade satélite Taguatinga, no Distrito Federal, foram o lócus para o desenvolvimento deste trabalho. Portanto, o caminhar, a observação e a leitura, algumas vezes desatenta e despreziosa, em outras, interessada e envolvida, foram os primeiros passos para levantar respostas para as indagações que introduzem este texto e refletir sobre a função da literatura e seu poder de afetação nesse contexto.

Afinal, o que pode a literatura?

Começo aqui propondo que antes do uso estético da linguagem escrita, da arte literária, vem o próprio ato da leitura, e conforme diz o pedagogo Paulo Freire, a leitura do mundo precede a leitura da palavra, para o autor “o ato de ler, não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas se antecipa e se alonga na inteligência do mundo” (FREIRE, 1921, p.9). Desta maneira, linguagem e realidade se prendem dinamicamente. Parte daí, então, a ideia de que arte urbana, grafites e pichações presentes nas ruas podem ser considerados literatura, a partir do momento que está exposta e será lida, contemplada, observada, sentida num contexto onde a vida acontece, há movimento, onde as pessoas andam, trocam experiências, são espectadoras e leitoras se dando ou não conta disso.

---

\* Graduanda em Letras Português pela Universidade de Brasília (UnB). E-mail: amanda.holgado@gmail.com

A rua será o campo onde a leitura se efetivará, para Bourdieu

A noção de espaço contém, em si, o princípio de uma apreensão relacional do mundo social: ela afirma, de fato, que toda a “realidade” que designa reside na exterioridade mútua dos elementos que a compõem. Os seres aparentes, diretamente visíveis, quer se trate de indivíduos quer de grupos, existem e subsistem na e pela diferença, isto é, enquanto ocupam posições relativas em um espaço de relações que, ainda que invisível e sempre difícil de expressar empiricamente, é a realidade mais real e o princípio real dos comportamentos dos indivíduos e dos grupos. (BOURDIEU, 1997, p. 48)

Essa noção do espaço é percebida através desse movimento do caminhar e na percepção e afetação que despertam no leitor; de forma paralela, os autores que expressam nos muros sua arte, reflexo dessa realidade social. As frases, lembretes e mensagens são, geralmente, expressões que fazem parte do cotidiano, da língua coloquial daquele local, a maneira como as pessoas se expressam em suas relações entre pares, e também mensagens que fazem parte do inconsciente coletivo. Como se pode notar nas imagens abaixo:



Na primeira imagem, a expressão “Resgate o amor” transmite a ideia de conselho, um anseio para o bem comum, um juízo sobre um estado do ser que deixou de ter amor, e então segue a recomendação de recuperar esse sentimento.

Já na segunda imagem, a expressão “Tudo nosso! Porra” e embaixo a pichação dos autores, provavelmente são as iniciais de seus nomes (chamadas tags). A expressão, segundo o Dicionário Informal, significa “Tá tranquilo, o que é meu é seu”, expressão da liberdade de se expressar nesse espaço, no muro de uma casa, na rua, a rua é de todos e há liberdade até para os palavrões.

Não somente expressam essa liberdade, mas há aí um ato de transgressão, de mostrar-se, mesmo anonimamente, de infligir direitos que certamente já foram negados a essas pessoas, uma situação de estar à margem, o que pode ser apreendido pela relação

que Diana Klinger estabelece entre escrita e prática, ritual, e a considera como uma forma de estar no mundo. Uma forma de existência. (KLINGER, 2014, p. 49).

A respeito do grafite vale ressaltar que essa prática interfere na leitura dos espaços urbanos, e os grafiteiros, aqueles que praticam o grafite, acreditam que seus desenhos possam ser vistos e interpretados por pessoas de qualquer segmento social. Segundo Celso Githay (1999), grafite e pichação conversam de maneira diferente, pois o grafite advém das artes plásticas e é muitas vezes reconhecido pelo estado e a pichação vem das palavras, considerado crime, porém, suas características de linguagem se correspondem, tanto estéticas quanto conceituais:

Estéticas:

- Expressão plástica figurativa e abstrata;
- Utilização do traço e/ou da massa para definição de formas;
- Natureza gráfica ou pictórica;
- Utilização de imagens do inconsciente coletivo, produzindo releituras de imagens já editadas e/ou criações do próprio artista;
- Repetição de um mesmo original por meio de uma matriz (máscara), característica herdada da pop art;
- Repetição de um mesmo estilo quando feito a mão livre.

Conceituais:

- Subversivo, espontâneo, gratuito, efêmero;
- Discute e denuncia valores sociais, políticos e econômicos com muito humor e ironia;
- Apropria-se do espaço urbano a fim de discutir recriar e imprimir a interferência humana na arquitetura da metrópole;
- Democratiza e desburocratiza a arte, aproximando-a do homem, sem distinção de raça ou de credo;
- Produz em espaço aberto sua galeria urbana, pois os espaços fechados dos museus e afins são quase sempre inacessíveis.

(GITHAY, 1999, p. 17 e 18)

Portanto, pensar a literatura e a arte através desse deslocar-se na cidade e enfrentar o mundo acontecendo, do que pode ser potência da prática artística e literária, campo informal que a tudo processa, ato intensivo e anti-hierárquico de fazer de nosso “mundo próprio” território aberto à experiência e à resistência, é o que propõe Klinger (KLINGER, 2014, p. 12).

Essa prática enquanto potência transformadora modifica e personaliza um local de forma subversiva, em desafio à lei e à conduta normativa, como representado abaixo:



Na primeira imagem, a pichação registra a frase “Polícia raça do caralho”, simboliza nesse contexto a revolta de grupos marginalizados que são penalizados pela sociedade apenas pela situação social, pelo preconceito racial presente na sociedade. Em entrevista ao jornal *El País* (2016), o pichador Cripta Djan, nome artístico de Ivson Djan, de São Paulo, conta seu posicionamento em relação ao picho, e diz que é uma forma do jovem marginalizado “sair da invisibilidade social na qual ele vive” e “retomar a cidade”. Ele afirma que o picho é uma resposta para a segregação espacial que existe em São Paulo. “São Paulo é uma cidade de muros entendeu, não é construída para as pessoas da periferia ocuparem”, afirma. Nesse contexto de desigualdade social, a pichação seria uma “reivindicação do uso público da cidade, que é cada vez mais privada”. “Quando que um jovem da periferia teria a possibilidade de escrever o nome dele no topo de um prédio do centro? Só se ele fosse uma empresa, um banco”, diz.

Seja em São Paulo ou em qualquer estado, as pichações e grafites estão diretamente ligadas à ocupação das ruas, a se ocupar um espaço que deveria ser de todos com todo o poder que a arte tem de afetação.

Na segunda imagem, o grafite com a expressão “Se love a sério” simboliza um conselho, o ato de afetar-se a si próprio. E nesse contexto de ocupação de territórios, Klinger faz um adendo “O território não existe como dado para nenhum indivíduo, ele deve ser inventado. Talvez seja a tarefa da arte e da literatura no mundo contemporâneo: não representar o mundo”, mas “torná-lo expressivo” (KLINGER, 2014, p. 164).

A expressividade, a mensagem, o discurso é que expõem de maneira democrática essa arte, com compromissos de quebras paradigmáticas estruturais da própria arte, da escrita, da forma e da estética, e é daí que cresce sua importância, sua visibilidade.

Pensando sobre território, espaço e cidade, em *A invenção do cotidiano*, Michel de Certeau, no capítulo “Caminhadas pela cidade”, destaca o papel afetivo e expressivo das caminhadas urbanas. Ele considera o andar na cidade um ato criativo através do qual uma pessoa pode fazer da cidade um espaço pessoal, que pode atribuir sentidos e transformar um lugar através de movimentações e interações, como um processo de

apropriação e enunciação. Certeau estabelece uma relação entre essa enunciação da caminhada à apropriação da própria língua, e problematiza que

O ato de escrever mantém com o escrito, e até mesmo transpô-la para as relações do “toque” (o/a gesto/a do/a pincel) com o quadro executado (formas, cores etc). Isolado primeiro no campo da comunicação verbal, a enunciação teria aí apenas uma de suas aplicações, e sua modalidade linguística seria apenas o primeiro ponto de referência de uma distinção muito geral entre as formas empregadas num sistema e os modos de usar esse sistema, isto é, entre dois “mundos diferentes”, pois “as mesmas coisas” são aí consideradas segundo formalidades contrárias. Considerada através desse prisma, a enunciação pedestre apresenta três características que de saída a distinguem do sistema espacial: o presente, o descontínuo, o “fático”. (CERTEAU, 1994, p.177)

Essa analogia pode ser atribuída à arte impressa nas paredes, as palavras e imagens dando forma às narrativas vivenciadas, experienciadas nesse campo, a literatura vai se constituindo de maneira orgânica, viva, fluida, também sendo experienciada. Trata-se de transformar a literatura em movimento: sair, retornar. Sair da casa, da linguagem, da estrutura, da comunidade, do conforto, do lar. Sair, retornar, fazer desvios. Desertar. (KLINGER, 2014, p. 188).

Trata-se de se deixar envolver pelo fio da vida e da realidade e enxergar as potências de expressão no que se encarrega de transmutar, de transfigurar, de transgredir os limites impostos, compreender as necessidades de manifestação contemporânea e levando em conta, conforme aponta Bourdieu (1996), a lógica específica do campo literário como espaço de posições e de tomadas de posições, e o espaço como força externa para tratar das determinações sociais, a literatura é esse próprio entrelaçar de ideias e vivências, considerando que o que é essencial permanece graças à mudança, à transformação.

Portanto, pensando a literatura fora dos seus eixos, pois “fora da estrutura, a literatura se encontra com a vida” (KLINGER, 2014), desta forma, conclui-se que o espaço urbano está imbuído de narrativas, de situações e transeuntes. Todo esse contexto é potência de expressão e linguagem, é transmissão e troca de ideias, reflexões, imagens e palavras que fazem parte do inconsciente coletivo, ou seja, transfere para a leitura/escrita uma forma de pertencer ao mundo, mas, mais do que isso, “trata-se de pensar o sujeito a partir, não de suas identificações, mas do seu poder de afetação” (KLINGER, 2014).

Como disse em entrevista para mim, a grafiteira Brixx Furtado, moradora da cidade satélite de Taguatinga, que no começo de seu trabalho artístico o fazia para conhecer a si mesma, “no fim das contas o grafite deixou de ser sobre mim, passou a ser

sobre a cidade, porque isso desperta sentimento nas pessoas, sejam bons ou ruins, mas despertam sentimento”. Portanto, é este fator, dentre tantos outros, que aproxima a arte urbana à literatura.

Porque se por um lado a literatura funciona, nesses territórios marginais – no sentido geográfico e simbólico -, como forma de fuga ou “reinvenção de formas da vida”, por outro lado também oferece, para o “centro”, um atrativo “afetivo” como contraponto às formas canônicas e os cultos consagrados de circulação (KLINGER, 2014, p.165), fazendo assim transbordar de sentido narrativo os muros das cidades, as caminhadas, os pedestres, os artistas numa relação de continuidade e complementaridade, seja pela efemeridade com que são apreciadas, seja pela temporalidade fixada no espaço e na palavra.

### **Referências Bibliográficas**

BOURDIEU, Pierre (1996). **As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário**. São Paulo: Companhia das Letras.

BOURDIEU, Pierre (1996). **Razões práticas: Sobre a teoria da ação**. São Paulo: Papiros.

CERTEAU, Michel de (1994). **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.

FREIRE, Paulo (1989). **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados: Cortez.

GITAHY, Celso (1999). **O que é graffiti**. São Paulo: Brasiliense.

KLINGER, Diana (2014). **Literatura e ética: Da forma para a força**. 1ªed. Rio de Janeiro: Rocco.

### **Sites:**

ALESSI, Gil; IVSON, Djan. “O muro do condomínio é muito mais autoritário do que o picho”. In: El País. Disponível em:

<[http://brasil.elpais.com/brasil/2016/11/21/cultura/1479735571\\_425031.html?id\\_externo\\_rsoc=FB\\_BR\\_CM](http://brasil.elpais.com/brasil/2016/11/21/cultura/1479735571_425031.html?id_externo_rsoc=FB_BR_CM)> Acesso em: 26dez. 2016.

Dicionário Informal. Disponível em:

<<http://www.dicionarioinformal.com.br/significado/tudo+nosso/4582/>> Acesso em: 26 dez. 2016.